

## NOTAS PRÉVIAS SOBRE A ESCAVAÇÃO DO SÍTIO GALHETA IV

Deisi Scunderlick Eloy de Farias  
Paulo DeBlasis

### Introdução

O projeto arqueológico *Sambaquis e Paisagem* (antigo *Camacho*) tem caráter interdisciplinar, agrega pesquisadores de diversas áreas e objetiva “o estudo integrado dos processos de ocupação pré-colonial do litoral sul de Santa Catarina, com ênfase nas sociedades sambaquieiras, e a evolução concomitante dos cenários naturais daquela região, sobretudo ao longo do Holoceno.” (DE BLASIS; GIANNINI; GASPARELLO, 2004). A pesquisa baseia-se nos 10 anos de escavação sistemática do sítio Jabuticabeira II e na abertura de perfis com coleta de material para datação dos diversos sambaquis do complexo lagunar.

Com o intuito de ampliar a frente de escavação, discutiu-se a possibilidade de escavar outro sambaqui. Como alguns membros da Associação da Praia da Galheta haviam chamado a atenção para os atos depredatórios que estavam ocorrendo com os sambaquis daquela localidade (motocross, jeeps, gaiolas, caminhonetes, etc), decidimos visitar esses sítios e escolher um deles para pesquisar e desenvolver atividades de Educação Patrimonial.

### O Sítio Galheta IV

O sítio Galheta IV (UTM 22J 0716314 / 6838045) possui feição monticular, com cerca de 30 metros de diâmetro e pouco menos de 3 metros de altura, coberto por gramíneas rasteiras típicas do litoral e cortado ao meio por uma estrada. Está localizado sobre o extenso afloramento granítico conhecido como Ponta da Galheta, à beira do Atlântico, entre as praias Grande do Norte e Santa Marta Pequena (também conhecida como Praia da Galheta), ao sul da cidade de Laguna, litoral meridional do Estado de Santa Catarina. A detecção do sítio, em agosto de 2005, deveu-se justamente a uma estrada que, ao seccionar a duna, expôs os perfis e revelou a presença de sedimento escuro onde afloravam fragmentos ósseos faunísticos e humanos.

Implantado a cerca de 25 metros acima do nível do mar, este sítio oferece uma ótima visão do entorno. Em dias claros, é possível avistar boa parte da região da planície quaternária costeira com suas belíssimas lagoas, os patamares da Serra Geral ao norte e a oeste a cuesta da Serra Geral (AB’SABER, 2003).

Ao contato da planície com o mar é possível observar o cordão arenoso que forma as praias e linhas de dunas, interrompidas somente por outros afloramentos graníticos de grande magnitude, formando verdadeiras montanhas em meio à planície, como o Morro de Santa Marta, ao sul, e o Morro de Laguna, ao norte, onde encontra-se a concentração urbana deste município. A sudoeste também é possível avistar as cidades de Tubarão e Capivari de Baixo, já no sopé dos mares de morros, ao fim da planície quaternária.

Sua posição privilegiada permite a observação de uma série de outros sítios arqueológicos da região. Ao sul, avistamos os sambaquis localizados no topo do Morro de Santa Marta; a oeste, o sambaqui do Padre (também conhecido como Galheta III) e o da Lagoa dos Laichos; a oeste, avistamos o *cluster* dos Carniças e os pequenos sambaquis do Canto da Lagoa; ao norte, o sambaqui da Roseta (também conhecido como Ilhote de Ipoã).

No mesmo afloramento que forma o morro da Ponta da Galheta encontram-se ainda dois outros sítios arqueológicos. Um deles é o sambaqui da Galheta I, concheiro de grandes dimensões que aparenta um formato de montículo-plataforma (grande morro arredondado com o topo retificado), forma que pode ser observada em outros sambaquis da região, como o Roseta e

o Santa Marta I. Ainda não está claro se esta seria a forma “original” deste concheiro, pois seu topo parece apresentar vestígios de uma antiga habitação, indicando processos de perturbação.

Ainda nas proximidades, a cerca de 250 metros do Galheta IV, encontramos o sambaqui da Galheta II, que constitui um pequeno concheiro de formato cônico com aproximadamente 3 metros de altura, 20m de comprimento por 15m de largura, ancorado sobre paleodunas no sopé do morro. Formado principalmente por conchas de berbigão, este sítio corre sério risco de destruição por erosão. Tanto seu lado norte quanto o sul apresentam uma grande voçoroca, que a cada ano aproxima-se mais de sua matriz conchífera.

No contato do Morro da Galheta com a praia, ao sul do sítio Galheta IV, existe um grande veio de rocha basáltica em meio ao granito onde há marcas de polimento de ferramentas líticas deixadas pelos antigos grupos que passaram pela região. São sulcos de formato arredondado e ovalado, não muito profundos, mas que indicam a utilização da área para produção ou retoque de artefatos em pedra.

Foram realizadas algumas caminhadas assistemáticas de reconhecimento do entorno nas quais foi possível detectar a presença de nascentes de água doce nas proximidades, até hoje utilizadas pelos pescadores da região. Grandes paredões rochosos se estendem às margens do Atlântico formando pequenas lagoas nas marés baixas que apresentam, atualmente, grande quantidade de vida marinha e costeira. Há ainda uma pequena praia voltada para o sul (conhecida como Prainha), que os pescadores utilizam para guardar seus barcos e demais materiais de pesca.

## **Campanhas de 2005 e 2006**

Nas campanhas de 2005 e 2006, foram estabelecidas duas áreas de escavação: uma na área menor e outra na área maior do sítio. Por conveniência, todas as quadrículas foram orientadas em 140º (sudeste).

Na área menor, foram abertas quatro quadrículas de 1x1m; na maior, foram abertas quatro linhas paralelas, cara uma delas com sete quadrículas de 1x1m, totalizando uma área escavada de 4x7m.

De uma forma geral, ambas as áreas apresentam a mesma estratigrafia e os mesmos elementos arqueológicos. A primeira camada é composta de um sedimento arenoso de fina granulação, baixa compactação e coloração clara. Trata-se, simplesmente, da “areia de praia” que compõe a maior parte da duna. Nesta camada, que tem entre 40 e 50 cm de espessura, há poucos vestígios arqueológicos, dispersos por todo o pacote, sem formar estrutura alguma. Tais vestígios são, essencialmente:

- Alguns poucos fragmentos de cerâmica de espessura fina, queima intensa e coloração escura; desses, alguns poucos apresentam decoração plástica (ungulada, ponteadada). Atribui-se esta cerâmica à Tradição Taquara, isto é, pertencente aos grupos Jê do Sul;
- Material lítico variado, também escasso. A maior parte é composta por fragmentos de rocha queimada; a seguir, vêm os fragmentos de lascamento, as lascas e as estilhas, nesta ordem. Quase todo esse material tem por matéria- prima as rochas básicas (basalto, diabásio); as exceções são pouquíssimas lascas e estilhas de quartzo;
- Vestígios ósseos faunísticos queimados.

A segunda camada surge, grosso modo, a partir de 50 cm de profundidade, após uma fina camada de transição que mescla o sedimento da camada anterior ao desta. Esta camada é composta por um sedimento escuro, de granulação fina, areno-argilosa. É a camada arqueológica propriamente dita, possuindo muitos elementos que configuram um solo ocupacional. A coloração do sedimento da camada já é, em si, testemunho de atividades envolvendo fogo. De fato, tal coloração deve-se à presença abundante de fragmentos de carvão por todo o pacote.

Além disso, contribuem para tal interpretação as pedras queimadas (geralmente granitóides) em decomposição. Associadas a tais estruturas estão algumas grandes concreções presentes em pontos específicos da área escavada. Embora isso ainda dependa de análise, é provável que tenham sido formadas pelo aquecimento e derretimento de rochas e de gordura animal, o que nos faz supor serem fogueiras.

Corroborando tal interpretação, há uma imensa quantidade de ossos de fauna. Durante a escavação foi possível enxergar um verdadeiro piso de ossos de animais terrestres e aquáticos de grande e pequeno porte – inclusive ossos chatos de mamíferos aquáticos (lobos marinhos.).

Há uma quantidade relativamente pequena (mas certamente bem maior do que na camada anterior) de material lítico. Além das lascas, estilhas e fragmentos de lascamento em diabásio (havendo também algo em quartzo), há também algumas grandes lascas com marcas de uso e alguns artefatos polidos (*manos* e outras *grinding stones*), provavelmente utilizados no processamento animal.

A cerâmica Taquara (descrita anteriormente) continua a aparecer, embora não em quantidade significativa. Sugeriu-se, inicialmente, que esta cerâmica poderia ser de um momento posterior e que os processos pós-deposicionais teriam causado sua intrusão na camada ocupacional. No entanto, no decorrer da escavação, ficou claro que a cerâmica estava presente no contexto funerário.

Pelo que se pôde verificar no perfil, a camada ocupacional tem pelo menos 60 cm de espessura. Esse dado confirmou-se na campanha de 2006.

Realizamos também a abertura de trincheiras e poços testes a fim de verificar a continuidade do sítio e identificar com precisão a tênue camada de conchas que surgiu na parte sul do morro da Galheta

## Considerações sobre o sítio Galheta IV

Em relação à estratigrafia do sítio Galheta IV, consideramos que a primeira camada parece ter sido depositada intencionalmente, “selando” seu conteúdo arqueológico e formando a duna que se vê hoje. A ocorrência de vestígios arqueológicos nesta duna pode ser creditada, com segurança, aos processos pós-deposicionais. Essa camada pode ter se formado por movimentos eólicos normais na região ou pode ter sido colocada pelo próprio grupo para fechar o local do evento ritual, formando-se, assim, um *mound*.

Quanto à segunda camada, sugerimos que tenha sido uma área ritualística, envolvendo tanto rituais funerários quanto de iniciação. A associação entre as concreções, as pedras queimadas, os artefatos líticos e a fauna indicam que a atividade ocorrida na área estaria ligada à alimentação realizada em rituais funerários – dado corroborado pela presença de sepultamentos e de alguns animais cujos ossos estão em conexão, o que sugere uma função ritual para o sítio. As cerâmicas e alguns artefatos líticos também apontam nessa direção. Outro elemento importante são as concreções, que apresentam, aparentemente, vestígios faunísticos na sua composição (esse dado será inferido através das análises geoquímicas em andamento). Observamos que no decorrer da escavação as concreções aumentaram sensivelmente, concentrando-se no centro da área escavada (parte norte do sítio).

Isso coaduna-se com a proposta de rituais funerários envolvendo festividades e grande consumo alimentar como elementos fundamentais na construção dos sambaquis, como sugerem Fish *et al.* (2000), a não ser pelo fato de que este sítio, evidentemente, não é um sambaqui.

Esta não é a única singularidade do sítio, pois ele contém possíveis evidências de interação cultural entre os povos Jê do Sul (responsáveis pela cerâmica Taquara) e os sambaquieiros.

A partir do exposto, pensamos na possibilidade de articulação de três modelos: a) no primeiro, teríamos o enterramento, as fogueiras (que virariam grandes concreções) e a fauna espalhada ao redor e sobre as fogueiras; b) no segundo modelo, sugerimos que os indivíduos eram trazidos de outros locais para serem enterrados sobre o montículo. No centro eram acesas as fogueiras e ao seu redor, os alimentos; c) no terceiro modelo, os indivíduos seriam enterrados e ao redor acesas as fogueiras com a fauna, resultando nas concreções. Com o passar do tempo, essas se fundiriam, resultando no amálgama central que encontramos. Futuros estudos certamente detalharão tais questões.

## 5. Bibliografia

AB'SABER, A. N. *Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

FISH, S.K.; DE BLASIS,P.; GASPAR,M.D.; FISH,P.R. Eventos incrementais na construção de sambaquis, litoral sul do Estado de Santa Catarina. *Revista do MAE USP*, n 10. p. 69-88. São Paulo, 2000.

SCHIFFER, M.B. *Formation processes of the archaeological record*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1987.